

4

DESENVOLVIMENTO: ASPECTOS COGNITIVOS E AFETIVOS

Cláudio João Paulo Saltini¹

RESUMO

SALTINI, C. J. P. Desenvolvimento: Aspectos Cognitivos e Afetivos. Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. 11(2): São Paulo, 1992.

Como transformar o ser humano em gente? Como prepará-lo para desempenhar com dignidade seu papel, evitando as deformações sociais? Este trabalho é conduzido de forma a elucidar essas questões, demonstrando que, por meio de um sólido investimento afetivo na relação adulto-criança, mãe-bebê, é possível chegar a um homem livre e criativo, integrado à família e ao Estado.

Dentro desse princípio, o conceito da “mãe suficientemente boa” é de extrema relevância. O ser humano só se sentirá motivado a construir o paraíso se, no início de sua vida, tiver, através dessa “mãe boa”, alimentado a ilusão de que esse paraíso efetivamente existe.

Para iniciar esta discussão, gostaria de partir de certos questionamentos. Para chegarmos a um ser humano completo, integrado à sociedade, é suficiente uma merenda escolar, uma boa alimentação? A resposta, naturalmente, é não. O desafio, na verdade, é criar uma *merenda escolar mínima ao Ser* no campo intelectual, cultural e afetivo. A proposta seria formar um homem que, além de fisicamente sadio, estivesse apto a desempenhar dignamente seu papel na sociedade.

Que tipo de condições o Estado e seus cidadãos deveriam proporcionar a uma criança visando à sua formação como ser humano? Por que existe o marginal? Ele não teve uma alimentação adequada ou faltou um outro tipo de alimento que atrofiou suas possibilidades

de desenvolvimento? A questão não é apenas gerar instrumento para coibir a marginalidade, evitar os assaltos, punir os culpados. A amplitude deste inquietante problema social conduz a outro raciocínio: como transformar o ser humano em gente?

Tornando-se gente, o indivíduo qualifica-se como ser social pronto a contribuir para o seu país, para a sociedade. Um ser livre criativo que busca, critica, renova, entende, pensa e sabe, inclusive integrar-se à sua família, ao seu Estado. Enfim, ele é um ser que se relaciona. Na relação, e através dela, é possível simbolizar o que foi se tornando ausente, o passado, o presente. A nossa criança, a criança que fomos. É na relação que a saudade preenche o vazio que fomos e que já não existe. Com esta saudade,

1. Membro fundador e ex-Presidente do CDH; Psicanalista e Educador - Rua Mário Reis, 170 - Granja Viana- São Paulo - SP - CEP 04722.

obtemos coragem para investir no futuro, construir o presente. No resgate do passado pleno, o mundo de hoje ganha significado.

O Papel Fundamental e Insubstituível da Mãe “Suficientemente Boa”

O investimento afetivo na relação adulto-criança, mãe-bebê, construirá não somente o físico, o soma, mas, acima de tudo, o homem-gente. Vamos buscar no campo específico o que poderia ser esta relação e como ela se manifesta. O que é afetividade? Poderíamos iniciar a incursão no campo teórico citando Winnicott (1975). “Não há possibilidade de um bebê progredir do princípio do prazer para o princípio da realidade ou neste mesmo sentido, sem que haja uma mãe *suficientemente boa*”. O que entendemos por princípio do prazer ou da realidade, por “mãe suficientemente boa”? E por bebê?

Um bebê é o filho do homem, mas não é ainda um homem. É concreto, orgânico, sente conforto e desconforto, prazer e desprazer. Porém, seu mundo interno é confuso e simbiótico com o mundo interno da sua própria mãe. A necessidade rege a vida interna de um bebê. A alimentação constitui uma das partes mais importantes na relação mãe-criança e esta criança possui uma capacidade especial de transmitir à mãe aquilo que deseja ou necessita. “Mãe boa” (ou educador sensível) é aquela capaz de provocar uma adaptação ativa às necessidades do bebê, adaptação que, com o tempo vai se tornando insatisfatória na medida em que o bebê começa a perceber seu fracasso e, em consequência, passa a tolerar as frustrações daí resultantes. Portanto, a mãe suficientemente boa consegue, em princípio, suprir quase todas as expectativas do seu bebê, contendo suas ansiedades, evitando frustrações.

Nesta fase, o bebê é o que é a mãe. Há um clima de magia, de alucinação de onipotência. Para o bebê, o seio está sob o seu controle: a mãe o oferece no momento certo, exatamente quando ele está pronto para criá-lo,

alucinando-o. A tarefa final da mãe consiste em desiludir gradativamente o bebê. Mas ela só terá condições de atingir tal objetivo se já tiver criado oportunidades para a ilusão, de sorte que o bebê possa recriar o seio repetidas vezes. A mãe deve permitir que a realidade interna, subjetivamente concebida, seja a realidade externa, concebida de maneira objetiva. A mãe boa, portanto, proporciona inicialmente a totalidade do bem-estar e, aos poucos, se subtrai, mesmo porque não tem chances de preencher continuamente essas necessidades. A partir daí, entra em atividade o mecanismo da inteligência, apto a criar o abstrato.

O Homem Trabalha com a Ausência, Recriando com a Mente, os Objetos Subtraídos

Não se trata de intercâmbio entre a mãe e o bebê, mas de um estado de fusão primário, onde a mãe procura tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar. Evidentemente, esta não é tarefa fácil, especialmente se a mãe (o educador) se lançar numa busca incessante, muitas vezes infrutífera, de parâmetros que possam ajudá-la a discernir sobre a melhor forma de criar a base para o desenvolvimento dos filhos. Por isto, quase sempre, ela o faz intuitivamente, graças a capacidade especial de fazer o bebê acreditar que aquilo que ele cria, realmente existe. Se esta mãe for bem sucedida, terá criado um estado de confiança junto ao bebê, proporcionando-lhe um “*playground*”, isto é, “um espaço potencial, que une ambos”. Lentamente, a capacidade do bebê lidar com o fracasso da mãe vai aumentando e, em consequência, passa a haver tolerância frente aos resultados da frustração, porque os espaços vão aumentando enquanto as experiências vão se repetindo. A aceitação da realidade nunca é completa: o homem não está isento das tensões surgidas entre o relacionamento da realidade interna com a realidade externa.

Esses elementos, prazer e desprazer, presença e ausência, necessidade e satisfação,

mundo interno e externo, fundamentam o ser humano: alguém que trabalha exatamente com a perda, a ausência. O ser humano é capaz de simbolizar, de recriar com a mente o que lhe falta. É um ser abstrato onde as palavras substituem os objetos e os atos substituem o aspecto concreto. Todos nós trabalhamos a ausência da mãe (natureza) do mundo concreto. Portanto, como vai ser a vida deste bebê? Quando falamos em nascimento geralmente nos referimos ao ato fisiológico. Mas, a significação desse nascimento é encarada de muitas maneiras. A vida de uma criança sete dias após o nascimento assemelha-se mais à existência intrauterina do que à existência do homem adulto. Há, contudo, um aspecto ímpar no nascimento: o cordão umbilical é cortado e a criança dá início à sua primeira atividade, que é o respirar. Qualquer rompimento de laços primários, a partir de então, só será possível na medida em que houver o acompanhamento de uma atividade genuína.

O Ser Humano só Poderá Construir o Paraíso se já Tiver Habitado o Paraíso

O nascimento não é um ato, é um processo. A meta da vida é nascer plenamente, embora sua tragédia consista em que a maioria dos homens morre antes de atingi-la. A vida do bebê será recriada aos poucos frente à perda de seu paraíso, à perda da sua mãe. Ele vai desejar pelo resto da vida. Vai desejar aquilo que conheceu. Mas, se ele nunca viu, nunca sentiu, não saberá o que desejar, tornando-se um pessimista, um marginal, um associado. Ele só poderá construir um paraíso se já tiver habitado um paraíso. Se nunca teve acesso a um bem, não terá sequer referencial para estruturar o mundo social.

O homem é atirado neste mundo sem a sua volição e dele tirado involuntariamente. Em contraste com o animal, o homem não embute em seus instintos um mecanismo de adaptação ao meio. Cumprir-lhe viver sua vida, ele não é vivido por ela. Está na natureza e, no entanto, transcende a natureza. Tem consciência de si

mesmo e essa consciência, como entidade separada, faz com que ele se sinta intoleravelmente sozinho, impotente. Erich Fromm (1960) ressalta: “No instante do nascimento, a vida faz uma pergunta e o homem precisa, a todo momento, respondê-la. Não é sua mente não é seu corpo, é ele, que pensa e sonha, dorme, acorda, chora e ri. O homem todo é quem precisa responder a ela. Que pergunta é essa? Como poderemos superar o sofrimento, o aprisionamento, a vergonha gerada pela experiência do isolamento, como poderemos chegar à união conosco, com o nosso semelhante, com a natureza? O homem precisa, de algum modo, responder a essa pergunta”.

Chegamos ao mundo de forma desamparada. Um dia tivemos esse amparo e, portanto, precisamos recriá-lo realizando um trabalho social que nada mais é do que buscar recriar este universo interno fruto de nossa fantasia, do nosso desejo, recriar a relação plena, a cultura.

Erich Fromm (1960) afirma: “A pergunta é sempre a mesma. Existem, porém, diversas respostas, ou, basicamente, existem apenas duas respostas. Uma delas é sobrepujar o isolamento e encontrar a unidade através da regressão ao estado de unidade que existia antes do despertar, antes do nascimento do homem. A outra resposta é nascer plenamente, desenvolver a própria percepção, a própria razão, a própria capacidade de amar, a tal ponto que o homem ultrapasse o envolvimento egocêntrico e chegue a uma nova harmonia, a uma nova unidade com o mundo”. Vamos ressaltar o processo político, o trabalho das grandes civilizações que quiseram recriar com as artes, com a religião, com a ciência. Quer dizer, buscar alguma coisa que nos falta. Mas, se um dia isso já de início faltou, não é possível que eu o busque. O desejo só é possível depois que conheci e senti.

Então a mãe, diz Winnicott (1975), deve prover o bebê de uma ilusão inicial. A ilusão de que ele está num mundo onde nada lhe falta, a ilusão de que suas fantasias internas, suas necessidades podem ser satisfeitos como se ele

fosse um deus. A onipotência da criança vem daí, porque a criança fantasia o seio, fantasia o leite e tem a sensação de que essa fantasia comanda a busca do objeto. Ela quer o objeto de sua necessidade e ele aparece. É como se nós, adultos, disséssemos: quero estar neste momento, num café em Paris, e estou. Se isso acontecer por duas ou três vezes, na quarta eu me imagino um deus. Vejam que no fundo, o ser humano é exatamente isso. Entretanto, no estado maduro existe uma intermediação, resumida à inteligência, à sociedade. Quero estar em Paris. A inteligência me diz: bem, agora você não pode, mas se quiser mesmo, trabalhe e vá.

A Matriz do Social Está na Percepção do Outro, no Enriquecimento das Relações

A humanidade sempre partiu das suas fantasias e dos seus Desejos. E o que ela fez

com esses elementos? Tornou lógico, socializando-os porque quando diz *eu quero*, o outro também diz eu quero. Para solucionar o conflito, surge o acordo: já que nós dois queremos vamos trabalhar juntos, porque é em grupo que se resolvem os problemas. Aí está a matriz do social, é esta a relação básica inicial. Quando percebo que a minha mãe é boa, posso recriá-la com a minha fantasia e, usando a lógica e a organização, esperar um pouco mais, aguardar minutos para saciar minha fome, aguardar dias, horas, anos para satisfazer meus desejos. Posso, com a minha inteligência e com o meio onde vivo, sair do meu egocentrismo, sair da minha onipotência, tornando-me alocêntrico, sabedor e perceptivo do outro. Nessa inversão de papéis, vendo o outro percebo que ele tem meus próprios desejos e, juntos, poderemos lutar por um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GIACONIA, G. & RACALBUTO, A. *I Percorri del Simbolo*. Milano, Raffaello C. Editore, 1990.
2. BOCCHI, G. & CERUTI, M. *Disordine e Construzione*. Milano, Feltrinelli Editore, 1981.
3. PIAGET J. *A Formação do Símbolo da Criança*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
4. KLEIN, M. & RIVIERE J. *Amor, ódio e Reparação*. São Paulo, Imago Editora, 1975.
5. KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S. & RIVIERE, J. *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
6. KLEIN, M. *O Sentimento de Solidão*. São Paulo, Imago Editores, 1975.
7. _____ . *Contribuição à Psicanálise*. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1981.
8. _____ . *Psicanálise da Criança*. São Paulo. Editora Mestre Jou, 1981.
9. CHIOZZA, L. A. *Idéias Para Una Conception Psicoanalítica del Cancer*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1978.
10. _____ . *Psicoanálisis: Presente y Futuro*. Buenos Aires, Edición del CIMP, 1983.
11. FROMM, E. *Zem-Budismo e Psicanálise*. São Paulo, Editora Cultrix, 1960, p. 102.
12. WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1975, cap. I.